

Riachuelo: uma batalha de controvérsias*

Riachuelo: a battle of controversies

Francisco Eduardo Alves de Almeida

Oficial de Marinha, professor de História Naval e Estratégia do Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos (PPGEM) da Escola de Guerra Naval. É historiador graduado, mestre e doutor em História Comparada pela UFRJ. Membro emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

RESUMO

A Batalha Naval do Riachuelo tem sido muito discutida nestes últimos cento e cinquenta anos. As interpretações de autores de língua inglesa têm sido particularmente duras com a atuação da Marinha do Brasil. O que se pretende discutir neste artigo é o ofício do historiador e seus instrumentos profissionais para, a partir dessa discussão, analisar cinco controvérsias. A posição inicial da força naval imperial, a comparação de poderes combatentes, o início da batalha, o desempenho de Barroso no combate e por fim se essa batalha foi efetivamente decisiva.

PALAVRAS-CHAVE: batalha naval, ofício do historiador, Guerra do Paraguai, Batalha do Riachuelo, controvérsias de Riachuelo

ABSTRACT

The Naval Battle of the Riachuelo has been intensely discussed during the last 150 years. The interpretations of English-speaking authors have been particularly harsh on the actions of the Brazilian Navy. In this paper we intend to discuss the function of the historian and his professional instruments, in order to effectively analyze five controversies: the initial position of the imperial naval forces, the comparison between the warring powers, the beginning of the battle, Barroso's performance in that combat, and, finally, how decisive that battle actually was.

KEYWORDS: naval battle, occupation of historian, War of Paraguay, Battle of Riachuelo, Riachuelo controversy

A Batalha-Naval do Riachuelo foi o principal encontro naval travado pela Marinha do Brasil em sua história. A sua importância reside no resultado estratégico que dela adveio, com a eliminação da esquadra paraguaia na Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai e no número de meios e combatentes que nela se envolveu, cerca de 17 navios e mais de quatro mil homens. Apesar de ter sido uma vitória incontestável da Armada Imperial brasileira, muitos historiadores brasileiros e estrangeiros ainda discutem suas principais passagens e divergem de algumas ações táticas que ocorreram no seu longo transcurso, pouco mais de nove horas de combate.

Deve-se compreender que a história é feita disso mesmo, controvérsias, discussões e dúvidas. O ofício de ser historiador não é tão simples como um leigo pode imaginar. O profis-

* Artigo recebido em 20 de abril de 2015 e aprovado para publicação em 01 de junho de 2015.

sional da história aprende a levantar questões sobre a história e a investigar os fatos, utilizando técnicas apreendidas no campo teórico e testadas no campo prático, que o auxiliam a compreender e interpretar o que, como e por que ocorreram certas situações.

Riachuelo tem sido um exemplo de batalha fluvial muito discutida no meio-histórico naval brasileiro, no entanto muito pouco discutida fora das fronteiras dos países que lutaram a Guerra do Paraguai. Interpretações de alguns poucos historiadores de língua inglesa, que se debruçaram sobre esse combate, chegaram a afirmações fortes ora censurando o desempenho do comandante brasileiro, o Almirante Francisco Manuel Barroso, ora criticando a atuação dos brasileiros em combate. Talvez por possuírem o maior parque editorial do planeta¹, essas interpretações de língua inglesa ganharam maior destaque na historiografia naval mundial. Apesar de poucas obras em língua inglesa sobre o combate de Riachuelo, elas têm maior capilaridade pela maior abrangência do mercado editorial anglo-saxão e essas interpretações passaram a ser “a verdade” sobre a batalha.

O que se pretende discutir neste artigo é exatamente o que ocorreu naquela manhã e tarde do dia 11 de junho de 1865 em Riachuelo, procurando desmistificar e reinterpretar ações, procurando a verossimilhança do que efetivamente se passou.² Como passo inicial dessa discussão pretende-se apresentar, de modo breve, os caminhos que devem ser seguidos pelo historiador profissional ao se defrontar com o fato histórico, com suas técnicas e metodologia, para, em seguida, discutir-se as principais controvérsias advindas da batalha, tendo como referência a metodologia empregada na análise, procurando corroborar o que tem sido historiado como “verdade” ou refutar essa explicação, apresentando a minha própria interpretação.

O DIFÍCIL E ESCORREGADIO OFÍCIO DO HISTORIADOR

O ser historiador profissional não é tão simples e fácil como muitos podem imaginar. O estudo e a síntese de obras escritas

por profissionais que o precederam não fazem dele um especialista ou de fato “um historiador”. O curso universitário de história prepara o futuro profissional a analisar as principais interpretações sobre os diferentes períodos históricos. No entanto, isso é apenas o princípio de uma longa caminhada. É certo que se precisa conhecer o que foi escrito antes, isso é mandatório, com as diversas interpretações e explicações sobre determinado evento histórico, as chamadas fontes secundárias ou indiretas, formuladas por historiadores especialistas. No entanto, o lugar do historiador é o arquivo. Lá é que ele deve estar. Assim, toda a pesquisa histórica se inicia com uma questão ou curiosidade por parte do profissional sobre determinado evento histórico. Formula-se, então, um problema a ser pesquisado, tendo o arquivo como instrumento de trabalho. No caso em questão meu problema vai se resumir às controvérsias que serão mostradas à frente no artigo.

O arquivo irá mostrar ao historiador se aquilo que foi discutido por seu antecessor está efetivamente coerente e correto, culminando com a sua própria interpretação historiográfica. No arquivo o historiador irá procurar fontes primárias que se relacionem com o fato problematizado. Enquanto os livros ou trabalhos anteriormente publicados são chamados de fontes escritas secundárias, as fontes primárias são as chamadas fontes diretas, isto é as que estão diretamente relacionadas com o tema a ser investigado, tais como relatórios de combate, livros de quarto de navios, memórias de participantes da ação de combate e ofícios relativos ao combate. O historiador por sua própria formação procurará com avidez essas fontes primárias, e por uma questão de formação a partir dessas fontes procurará concordar ou discordar com essas explicações anteriores ou, o que é mais provável, procurará sua própria interpretação sobre o fenômeno estudado.

O notável historiador brasileiro, Professor Ciro Flamarion Cardoso, prematuramente falecido para tristeza de todos nós, dizia que “a distinção entre fontes primárias e secundárias é de natureza epistemológica e metodológica e indica que as primeiras são



a base principal de uma verdadeira investigação, que pretenda carrear conhecimentos novos”³. Ele tinha total razão ao afirmar isso. Dentro desse princípio, as fontes primárias são as preferidas dos historiadores para novas interpretações.

Deve-se considerar, no entanto, como bem aponta o Professor português José Amado Mendes, da Universidade de Coimbra, que no caso do desaparecimento de fontes primárias, as secundárias passarão a ocupar os seus lugares, transformando-se em primárias, como por exemplo foi o caso de obras de historiadores antigos como Tucídides, Tito Lívio e Políbio.⁴

Com as fontes secundárias bem conhecidas e as fontes primárias como “objeto de desejo”, o historiador começa a primeira fase da pesquisa histórica, que é chamada de heurística.

Heurística vem a ser a fase do método que diz respeito à pesquisa, procura e coleta de fontes⁵. Nessa fase o pesquisador procurará documentos que tenham relação direta ou indireta com o problema de pesquisa por ele formulado. Esses documentos poderiam ser encontrados em arquivos públicos e privados, como, por exemplo, ofícios governamentais, telegramas, normas, requerimentos, manuscritos diversos, cartas, memórias e recortes de jornal; em bibliotecas onde seriam verificados catálogos com livros, panfletos e brochuras; e bibliotecas universitárias onde seriam verificadas as dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre o assunto a ser estudado. As coleções familiares particulares, também, seriam procuradas nessa fase, assim como fontes obtidas em museus. Há que se considerar nessa fase, no entanto, que outras fontes poderão ser úteis tais como vestígios arqueológicos, moedas, medalhas, selos, marcas postais e brasões. A heurística consome grande quantidade de tempo e é uma fase fundamental para o historiador que se debruça sobre determinada questão. Nessa fase é que as fontes são descobertas, coletadas e organizadas.

Uma segunda fase, então, se inicia após a heurística, a chamada crítica que deve ser de duas categorias. A primeira, a chamada crítica externa ou de autenticidade, e

a segunda, a crítica interna ou de credibilidade. A primeira modalidade, a crítica externa ou de autenticidade, procura verificar se a fonte é autêntica ou falsa. Verifica-se a proveniência de determinada fonte, investigando o autor, o local onde foi escrita e a data de sua elaboração. Falsificações devem ser escrutinizadas e se confirmadas, as fontes devem ser descartadas⁶. Em um segundo momento o historiador verifica se o documento avaliado foi alterado por inevitáveis erros de transmissão, principalmente se houver a ausência do documento original. O historiador poderá recorrer a restituição ou reconstituição. Nesse caso a sua experiência no assunto será fundamental, podendo inclusive realizar interpolações, recorrendo a outros documentos que o complementem. Um exemplo típico desse tipo de crítica foi o que Lorenzo Valla realizou quando contestou a chamada Doação de Constantino em 1440 quando se acreditava que o Imperador romano Constantino doara por um edito imperial grande quantidade de terras para a Igreja Cristã, dentro e fora da Itália no século IV. Valla demonstrou, por meio da crítica, que o documento era falso. Na segunda modalidade, a crítica interna, o pesquisador verifica se o documento tem credibilidade. Para isso ele recorrerá a cinco operações básicas.

A primeira operação é chamada de crítica de interpretação ou hermenêutica, na qual se irá requerer que o pesquisador conheça a língua referida ao documento, além da necessidade que ele terá de conhecer os hábitos de pensamento, atitudes intelectuais e formas de sentir do povo ou dos povos envolvidos no fato histórico⁷. Por ser um especialista do período histórico, ele terá os instrumentos necessários para interpretar corretamente as fontes coletadas e descartar aquelas que não passarem no crivo da credibilidade.

A segunda operação, dentro da crítica interna, será a de competência, na qual o pesquisador verificará a qualidade do testemunho, devendo ser de preferência direta sem intermediários, visando a totalidade dos fatos e sem comentários subjetivos. Isso irá se aplicar tanto às fontes escritas quanto às orais.⁸

A terceira operação será a crítica de veracidade, na qual será verificado se o documento é realmente verdadeiro. Para isso serão feitas algumas perguntas à própria fonte que o Professor Amado Mendes propõe sejam as seguintes⁹:

- não teria o autor do documento querido enganar o leitor?
- não teria o autor do documento interesse em mentir?
- não teria o autor sido obrigado a mentir?
- haveria motivos para desconfiar da afirmação feita pelo autor?

Nessa etapa é que o “sentimento” ou “faro” do pesquisador se aguça, sua percepção de inconformidade se expressa mais intensamente e brota uma necessidade de ser um investigador desconfiado, procurando descobrir falhas na exposição documental. Um bom historiador é aquele que, por sua própria natureza, desconfia de tudo e é um cético contra qual o documento irá com ele “dialogar”, procurando convencê-lo de que é verdadeiro ou pelo menos verossimilhante.

A quarta etapa é chamada de verificação dos testemunhos. Nela o historiador verifica se será capaz de retirar todas as informações úteis que o documento possa revelar. Para isso o pesquisador deverá relê-lo diversas vezes, procurando explorá-lo ao máximo, procurando evidências que corroborem ideias já concebidas por outros colegas ou novas leituras que venham agregar novas interpretações. Nessa etapa ele verificará se existem corroborações, contradições ou mesmo diferenciações de ênfase sobre determinado aspecto já comprovado.¹⁰

Por fim, a quinta e última etapa, dentro da crítica interna, refere-se ao chamado “confronto de fontes” ou comparação de fontes. Nessa etapa derradeira o pesquisador confrontará os documentos entre si, que já passaram por um escrutínio nas etapas anteriores, procurando apontar aqueles que são verossimilhantes e decidindo sua própria visão ou interpretação. Essa etapa é considerada por muitos historiadores como a primeira parte da última operação historiográfica, a interpretação e escrituração textual que se compõe da organização e da redação do texto. Não se deve confundir a última etapa do trabalho historiográfico

com a primeira operação da crítica interna, a operação ou crítica de interpretação que se refere especificamente ao documento ou fonte analisada. A interpretação e escrituração se refere a confecção preliminar do texto e sua redação capitular ou setorial.

Nessa última etapa, a escrituração do texto, é que se percebe as tendências epistemológicas do historiador. O Professor Francisco Carlos Teixeira da Silva indica que não existe historiador isento, por que ele traz em si visões de mundo, seu tempo histórico e mentalidade, ideologias e posições políticas, influências teóricas e engajamentos sociais. O ideal seria o historiador imparcial, isento, procurando a “verdade” plena ao estilo pretendido por Leopold Von Ranke, no entanto esse modelo “ideal” é algo a ser atingido e não necessariamente verdadeiro. Não se deve esquecer o que o historiador francês Lucien Febvre mencionou: “A história é uma filha de seu tempo.”¹¹ Nesse momento é que surgem as interpretações marxianas, analistas e positivistas. Nesse ponto é que está o belo, o fascinante, o escorregadio e o difícil ofício do historiador profissional, a sua ampla diversidade.

O que não pode e não deve ser aceito é qualquer dúvida quanto a honestidade intelectual do historiador, uma falsificação factual, uma fraude consciente sobre certo evento ou por certo o plágio ou furto de uma ideia ou texto. É muito gratificante para qualquer historiador ser referenciado por outro colega. Isso lhe traz alegria e reconhecimento, no entanto o plágio ou furto de ideias é a mais grave ofensa que pode atingir um historiador.

Novas interpretações são muito bem vindas e competirá ao pesquisador expor suas ideias de forma clara, com amplo domínio da língua, bem escritas, com argumentação lógica e convincente, de forma ordenada cronologicamente ou topicamente com notas de rodapé ou citações de outros colegas que corroborem sua visão, procurando convencer seus pares ou o leitor ávido por história de boa qualidade. Que sejam novas visões, mas que sejam honestas! isso é que compõe o ofício do historiador. Competirá ao leitor decidir o que mais lhe convence como verossimilhante, se uma versão ou outra.



Com essas breves explicações sobre o ofício do historiador, podemos passar às controvérsias sobre a batalha do Riachuelo.

PRIMEIRA CONTROVÉRSIA: A POSIÇÃO INICIAL DA FORÇA NAVAL IMPERIAL

A força naval brasileira composta de nove navios a vapor sob o comando de Francisco Manuel Barroso encontrava-se fundeada na margem direita do Chaco no Rio Paraná, a uma distância de cinco milhas a sul-sudoeste de Corrientes, ocupada por forças paraguaias e a quatro milhas e meia ao noroeste de Riachuelo, ocupada por uma bateria paraguaia com 22 canhões, variando de 4 a 18 calibres, levadas do Passo da Pátria, sob o comando do Major Bruguez.¹²

A posição da força brasileira realmente não era boa. Como afirmou com propriedade José Ignacio Garmendia em seu clássico *Campaña de Corrientes y de Rio Grande*, edição de 1904, de força bloqueadora de Corrientes, passou a ser bloqueada pelo norte e pelo sul por forças paraguaias¹³, sendo que caso decidisse se retrain, a força brasileira deveria passar forçosamente pelo canal do Rio Paraná na margem esquerda, próxima da bateria de Bruguez, realmente uma posição delicada. No entanto o próprio Garmendia indica que essa posição, que poderia ser ruim, passava a não ser tão desvantajosa, pois em razão do “espírito de iniciativa e do valor de seus subordinados, não devia [Barroso] preocupar-se muito com alguns canhões que jamais ocasionariam nenhum dano de importância à esquadra”.¹⁴ Além disso, Garmendia finalizou dizendo que a posição ocupada pela força naval fora determinada pelo comandante imediato de Barroso, o Almirante Tamandaré.

Segundo minha interpretação, efetivamente a posição da força brasileira era vulnerável, pois estava cercada de dois pontos no Rio Paraná, ao norte por Corrientes e ao sul pela barranca de Riachuelo. Entretanto, a posição de bloqueio era efetiva contra Corrientes e levou Lopez a tentar destruir essa esquadra com o que tinha de navios, a maior parte deles mercantes adaptados. Assim, foi decidido por Barroso que o risco valia a pena ser corrido pela esquadra imperial,

fato totalmente justificado, pois, como se sabe, um chefe naval que não deseja correr riscos deve ficar em casa cuidando da família. A guerra é feita de riscos. Barroso correu o risco e estava pronto para responder por isso. Ato louvável do chefe naval brasileiro.

SEGUNDA CONTROVÉRSIA: COMPARAÇÃO DE PODERES COMBATENTES

Essa controvérsia deve ser analisada de dois pontos de vista distintos. O primeiro, sob o ponto de vista material, e o segundo, sob o ponto de vista pessoal. Na questão material existia por certo, segundo a documentação disponível, uma superioridade brasileira. Nesse ponto há quase uma unanimidade dos historiadores que estudam a batalha. No lado brasileiro eram nove navios de combate, uma fragata, duas corvetas e seis canhoneiras, todas de ferro – um navio era movido a rodas e oito a hélices. No total eram 2.277 homens, sendo 1.174 originários do Exército. As fontes primárias disponíveis para esses números são bem confiáveis.¹⁵ O número de canhões era de 59 de diversos calibres.¹⁶

Os paraguaios, por seu turno, contaram com oito navios, três corvetas e cinco navios mercantes fluviais adaptados, segundo Penna Botto, todos de ferro, seis navios movidos a rodas e dois a hélices. Juan Crisóstomo Centurion, por seu turno, aponta que eram sete mercantes fluviais adaptados e apenas uma canhoneira.¹⁷ Por ser considerado uma fonte primária por ter participado das ações e *Tacuary* ser o único navio paraguaio efetivamente de combate, prefiro a afirmação de Centurion. No total, estima Garmendia, eram cerca de 2.000 homens embarcados¹⁸ sendo 640 do Batalhão 6 do Exército.¹⁹ As fontes disponíveis nesse caso são conflitantes, pelo menos as que utilizei. O número de canhões era 30 de diversos calibres.²⁰ Pode-se incorporar a guarnição de terra da bateria de Bruguez com um número desconhecido de combatentes. Penna Botto mencionou 2.000.²¹ Para mim, esse número é exagerado. Considerando que os batalhões de artilharia do Paraguai congregavam de 500 a 1.000 homens, presumo que um número entre 700 a 800 homens

esteja próximo da realidade para o número de 22 canhões. Pode-se, também, acrescentar mais seis bocas de fogo em seis chatas que vinham rebocadas pelos navios paraguaios, perfazendo um total de 36 canhões embarcados contra 59 dos brasileiros.

Centurion que participou da ação afirmou que “a inferioridade dos navios paraguaios e de seu armamento em relação a esquadra inimiga [a brasileira] era evidente e por conseguinte não poderia bater-se a tiros com ela a certa distância”.²² Para Garmendia a “superioridade da esquadra brasileira sobre a paraguaia se manifestava de um modo incontestável”.²³ O Barão de Jaceguai diria posteriormente que “nossa esquadra levava grande vantagem potencial sobre a paraguaia, e na qualidade de seus navios e na disciplina e instrução do pessoal [brasileiro]”.²⁴ Em termos numéricos a superioridade era flagrante, no entanto na segunda parte da declaração de Jaceguai aparece a maior controvérsia, o preparo e desempenho das tripulações no combate, isto é, no aspecto pessoal.

Analisemos inicialmente a preparação e a motivação das tripulações paraguaias para o combate. George Thompson pode ser considerado uma fonte primária para a análise da partida da divisão naval de Assunção. Disse ele que “toda a população de Assunção naturalmente compareceu à beira do rio, esperando a tarde inteira para ver López embarcar... enquanto os vapores paraguaios formavam seus homens nos respectivos tombadilhos. Mas não houve vivas”.²⁵ Thompson esteve presente na partida e assim é, em princípio, uma fonte a ser considerada. Complementou dizendo que o 6º Batalhão que se agregara a força naval mostrava-se com grande entusiasmo e os soldados replicaram que não trariam prisioneiros, estando “satisfeitíssimos”.²⁶ Interessante mencionar que a obra de Thompson, publicada na língua inglesa, tornou-se uma das obras fundamentais para estudiosos norte-americanos e ingleses que estudaram e estudam o grande conflito sul-americano. Outro personagem que presenciou a saída da divisão naval de Assunção e como tal uma fonte primária foi o ministro norte-americano residente na capital paraguaia,

Charles Washburn, que escreveu uma história do Paraguai em dois volumes em língua inglesa. Washburn mencionou que toda a população de Assunção compareceu a saída da divisão naval ao longo do Rio Paraguai mais por medo de Lopez, sendo que se não comparecessem suas ações seriam consideradas por ele uma afronta pessoal.²⁷ Houve poucas ovações aos tripulantes, já se sentindo, da parte de alguns residentes, um “mau presságio” com a expedição²⁸. Tanto Thompson quanto Washburn concordaram que a população estava apreensiva e os combatentes estavam entusiasmados.

Assim, posso considerar que a população paraguaia estava apreensiva com o resultado da ação e os tripulantes acreditavam na vitória contra os brasileiros. A moral desses tripulantes era alta, principalmente a dos componentes do 6º Batalhão. Além da moral, os tripulantes e soldados da divisão naval paraguaia eram valentes e destemidos. No que diz respeito a adestramento e experiência de combate, os brasileiros eram superiores, pois muitos já tinham se envolvido em combates no Prata como, por exemplo, nas Guerras de Oribe e Rosas e na intervenção no Uruguai, e os mais veteranos combateram os últimos conflitos do período regencial como a Praiera e a Farroupilha quinze anos antes. Os paraguaios tinham sérias limitações no treinamento e na capacidade de utilizar os seus navios a contento, chegando ao ponto de contratar maquinistas ingleses para conduzir as máquinas a vapor de seus vasos de guerra.²⁹

Por seu lado, temos as declarações do Barão de Jaceguai, que enfatizou o melhor preparo profissional dos tripulantes brasileiros. Por sua experiência de combate e melhor material, tudo leva a crer que os brasileiros teriam vantagem na refrega, no entanto essa opinião de Jaceguai foi refutada por alguns autores de língua inglesa, como, por exemplo, Thompson, Washburn e H. W. Wilson. Como já mencionado, três livros em língua inglesa têm servido de referência para historiadores ingleses e norte-americanos descreverem a Guerra do Paraguai. São eles os livros de Washburn e de Thompson já referidos, além do *Ironclads in Action: a sketch of Naval Warfare from 1855*



to 1895 edição de 1896 escrito por H.W. Wilson, publicado pela Little Brown & Company de Boston, Estados Unidos da América³⁰. Vamos analisar o que disse Wilson sobre o preparo dos tripulantes brasileiros. Disse ele: “Seus oponentes [os brasileiros] tinham armas e couraçados europeus, no entanto se distinguiram principalmente pela covardia e incapacidade. Há um toque de humor no fato que quanto mais covarde, quanto mais incapaz fosse um comandante aliado, mais certamente era ele laureado com honras e promovido.”³¹ Prosseguiu afirmando:

o Brasil foi mais além batizando navios em honra de homens que desgraçaram a sua reputação, como Barroso... por semanas uma força de encouraçados bombardeariam um forte com apenas um canhão; os brasileiros lançariam grande quantidade de explosivos em todas as direções ao ouvirem um ruído vindo da floresta. Eles tinham um costume raro de atirar indiscriminadamente sobre amigos e inimigos e quando uma canoa paraguaia vinha a contrabordo dos navios, eles [os brasileiros] desistiam do combate e fugiam... eles tinham como ponto de honra nunca perseguir um adversário batido e eles retardavam e se acomodavam quando tinham chance, o que era comum. Uma guerra que deveria terminar em cinco meses foi prorrogada por cinco anos.³²

Esse tipo de afirmação passou a fazer parte da “verdade” para os historiadores anglo-saxões e se espalhou até os dias de hoje como fato “absoluto e irrefutável”. No mês de fevereiro de 2014 um historiador britânico publicou um artigo no tradicional periódico *The Naval Review* criado pelo Almirante Herbert Richmond em 1913 com o título “*Naval Operations during the War of the Triple Alliance, 1865-1870*”.³³ Nele esse historiador repetiu as afirmações de Wilson como se fossem a “verdade histórica” plena. Certamente que ele se baseou naquilo que Wilson relatou do conflito. Nada a ser censurado. Entretanto um historiador profissional deve

atentar para a metodologia historiográfica para comprovar ou refutar a veracidade das afirmações de Wilson. Isso faz parte do difícil ofício do historiador. É exatamente isso o que faremos agora.

Inicialmente Washburn e Thompson devem ser considerados fontes primárias por terem vivido no Paraguai no período da guerra, no entanto, NÃO PARTICIPARAM do combate de Riachuelo, o que diminui o poder de suas declarações. Além do mais faziam parte indiretamente do círculo pessoal de Lopez, o primeiro como representante dos Estados Unidos da América em Assunção e o segundo como membro do estado-maior do Exército paraguaio, como assessor do serviço de engenharia e conhecedor do que acontecia no lado guarani. Ambos tinham severas restrições aos métodos utilizados por Lopez, embora admirassem a bravura dos soldados paraguaios. Com respeito a Wilson, ele SEQUER PARTICIPOU do conflito, baseando-se fundamentalmente nos relatos de Thompson e provavelmente nos de Washburn.

No que diz respeito à crítica externa nada a analisar, pois em termos de autenticidade as obras de Thompson, Washburn e Wilson são genuínas, no entanto na fase de crítica interna ou crítica de credibilidade sérios problemas florescem nas declarações dos três sobre Riachuelo. Como dito, Wilson não participou da guerra e baseou-se em Thompson e Washburn que, embora tenham vivido no Paraguai no período, tampouco participaram de Riachuelo. Suas opiniões foram recebidas de relatos de fontes paraguaias que, por certo, por temerem a ira de Lopez com qualquer opinião ou relato de derrota, poderiam significar a pena de morte. Thompson e Washburn acreditaram, então, em fontes paraguaias temerosas por suas próprias vidas que relataram aquilo que lhes eram convenientes e NECESSÁRIOS.

Observando as palavras de Wilson sobre o material brasileiro, disse ele que “seus oponentes [os brasileiros] tinham armas e couraçados europeus”.³⁴ Percebe-se que ele não sabia distinguir uma canhoneira de ferro de um couraçado fluvial, o que é preocupante para um historiador “especializado em couraçados”. Não utilizamos navios

couraçados na batalha e daí percebe-se seu desconhecimento do que foi utilizado no combate. Quanto ao desempenho dos marinheiros brasileiros afirmou que eles eram “covardes e incapazes”³⁵. O historiador íntegro iria perguntar: como ele sabia disso? Ele combateu ao lado de marinheiros brasileiros? Ele participou de algum combate naval no qual viu marinheiros nacionais fugindo? Que combates foram esses? As suas fontes participaram da ação e podem ser consideradas confiáveis? Se essas perguntas não puderem ser respondidas, então, esse tipo de generalização realizada por Wilson é refutável e facilmente contestada pelo profissional de história. Essa afirmação então, pela metodologia historiográfica, deve ser descartada por não existir comprovação. Vamos em frente.

Wilson continuou afirmando que “há um toque de humor no fato que quanto mais covarde, quanto mais incapaz fosse um comandante aliado, mais certamente era ele laureado com honras e promovido”. Essa afirmação forte não se sustenta pelos seguintes fatos: o Brasil era um país com um regime monárquico, no entanto sua imprensa era totalmente livre e muitas vezes criticou a conduta dos chefes militares na guerra, o que deve ser considerado relevante. Qualquer deslize de um comandante brasileiro em ação era imediatamente vinculado na imprensa da Corte no Rio de Janeiro. E temos exemplos diversos de críticas a diversos comandantes em operações de guerra nos jornais brasileiros, no entanto, no que se refere a questões de covardia em Riachuelo, eu particularmente desconheço qualquer menção nos periódicos nacionais. Não há nenhum toque de humor quando homens se batem no campo de batalha de modo honrado, lutam e morrem. Essa opinião de Wilson não se sustenta pela própria lógica da guerra. Os navios que receberam nomes de combatentes da Marinha o foram por atos de bravura. Cito o caso do Tenente Mariz e Barros que foi gravemente ferido em combate e, ao ter sua perna decepada, declarou que estava honrando o nome de seu pai, almirante e depois visconde de Inhaúma que comandaria as forças navais brasileiras em campanha em 1868. Viria a

falecer de seus ferimentos. Por seu ato teve um navio batizado em seu nome. Esse é apenas um exemplo que refuta a afirmação de Wilson, assim essa frase não se sustenta e assim deve ser descartada, de acordo com o método historiográfico.

Prossegue Wilson afirmando que “por semanas uma força de encouraçados bombardeariam um forte possuidor de apenas um canhão; os brasileiros lançariam grande quantidade de explosivos em todas as direções ao ouvirem um ruído vindo da floresta. Eles tinham um costume raro de atirar indiscriminadamente sobre amigos e inimigos e quando uma canoa paraguaia vinha a contrabordo dos navios, eles [os brasileiros] desistiam do combate e fugiam... eles tinham como ponto de honra nunca perseguir um adversário batido e eles retardavam e se acomodavam quando tinham chance, o que era comum.”³⁶ Ora, sabemos pela historiografia já consolidada que não existia nenhum forte paraguaio com apenas um canhão, a não ser Itapiru que não era bem um forte mas sim uma posição defensiva, senão vejamos as posições fortificadas: margem de Riachuelo, 22 canhões; Humaitá com 199 canhões;³⁷ Curupaity com 25 canhões³⁸ e Curuzu com 13 canhões³⁹. Ao se referir a um canhão apenas, Wilson talvez se referisse a Itapiru que congregava tropas de infantaria que foram batidas pela esquadra imperial, o que não significava dizer bombardear um forte com apenas um canhão. Assim, essa afirmação de Wilson pode ser considerada contraditória e imprecisa, daí, pela técnica historiográfica, deve ser descartada. Quanto ao combate de canoas com navios, a lógica permite ao historiador confrontar o que foi mencionado com os resultados alcançados. Que navios foram tomados por canoas paraguaias? Ora, se fugiam os brasileiros, os navios deveriam ser tomados, correto? Houve uma grande tentativa paraguaia para tomar dois couraçados, o *Barroso* e o *Rio Grande* com 24 canoas. Ocorreu então uma grande reação brasileira e quase todos os paraguaios foram mortos ou aprisionados. Notem que essa informação foi mencionada no livro do próprio Thompson.⁴⁰ Assim, a informação de Wilson deve ser descartada por ser falsa. Por fim disse Wilson que “eles



[os brasileiros] tinham como ponto de honra nunca perseguir um adversário batido e eles retardavam e se acomodavam quando tinham a chance, o que era comum. Uma guerra que deveria terminar em cinco meses foi prorrogada por cinco anos". Nesse ponto ele se referiu a decisão de Barroso de não perseguir os paraguaios após o combate de Riachuelo. Vamos discutir esse ponto à frente com maiores detalhes. Quanto à guerra dever terminar em cinco meses ao invés de cinco anos, merece uma discussão mais elaborada. A região onde foi disputada a Guerra do Paraguai, na confluência dos rios Paraguai e Paraná, era uma região inóspita, sem qualquer tipo de apoio, infestada de doenças como a cólera, a febre amarela e o beribéri. Além do mais existiam animais peçonhentos como cobras venenosas, aranhas e escorpiões que infestavam os acampamentos e os navios que fundeavam ou abarrancavam em suas margens. Possivelmente morreram mais soldados de doença e ataques de animais do que de ferimentos em combate. Além disso, os combatentes paraguaios eram valentes, destemidos e audazes e resistiram denodadamente. A movimentação das tropas pelas margens do Rio Paraguai foi lenta, em especial na margem esquerda, já que a direita era formada pelo Chaco normalmente alagado. A fricção da guerra clausewitiana se fez presente em toda a sua definição. O apoio logístico era deficiente e muitas vezes até comida faltava para as tropas envolvidas no combate. Enfim, era uma grande e terrível guerra, em um terreno inóspito e selvagem. Erros ocorreram na condução política e operacional da guerra, no entanto reduzir tudo a uma simples afirmação de que deveria durar a guerra apenas cinco meses é simplista. Essa afirmação de Wilson deve ser analisada como uma opinião, o que é válido, no entanto o relato histórico deve obrigatoriamente se basear em uma análise pormenorizada para comprovar que a opinião se transforme em objeto de verossimilhança. Opiniões muitos têm. Comprovação histórica só a análise documental baseada na lógica e no bom senso prevalecem. Por certo, Wilson, por suas declarações, não visitou a região do conflito, não tendo nem lógica nem bom

senso. Assim, sua afirmação deve ser descartada por não se basear nos fatos e na lógica, sendo apenas uma opinião e assim irrelevante para a pesquisa sobre o conflito.

Assim, pode-se concluir dessa controvérsia que os brasileiros estavam melhor preparados em termos de material e de pessoal para enfrentar os paraguaios em Riachuelo.

TERCEIRA CONTROVÉRSIA: O INÍCIO DA BATALHA

O início da refrega está até hoje envolvido em mistérios e diferentes interpretações. Alguns especialistas apontam que as tripulações brasileiras estavam recolhendo madeira para as máquinas dos navios. Outros especialistas dizem que as tripulações estavam dormindo quando foram avistados os navios paraguaios. O que de fato ocorreu?

Wilson, sempre crítico com o desempenho brasileiro, disse que não existia ardor no combate por parte dos combatentes nacionais e o desejo era manter-se afastado dos paraguaios evitando a luta. Afirmou que a força naval brasileira levou 42 dias para ir de Buenos Aires até Três Bocas. Para ele Wilson uma navegação fácil. Afirmou que não houve precauções por parte dos brasileiros, estabelecendo vigias para detectar qualquer aproximação dos inimigos, e que quando a força paraguaia se aproximou os brasileiros estavam "como esperado, dormindo"⁴¹. Essa interpretação foi baseada por certo no livro de Washburn que foi até mais incisivo afirmando que Barroso fora surpreendido pela presença paraguaia, e que se soubesse de antemão esse fato, teria fugido com toda a sua força naval⁴². Vamos à análise dos fatos relatados, empregando a lógica e a técnica historiográfica para comprovar ou refutar essas interpretações. Inicialmente, o historiador consciente perguntaria "estavam presentes nos fatos os autores referenciados, Wilson e Washburn?". Segundo, existiriam documentos primários relativos às ações relatadas? Que fontes seriam essas? Teria lógica o afirmado, utilizando-se a técnica de confronto de fontes? Por fim, como ele interpretaria os fatos depois do confronto?

A resposta a primeira pergunta é "não", não estavam presentes, o que diminui a for-

ça de suas afirmações. Mas vamos adiante. Quanto à segunda questão, “sim”, existem relatórios de combate dos comandantes brasileiros que participaram das ações, logo são fontes primárias que não devem ser descartadas. A terceira questão que assaltaria o historiador é se seriam lógicas as afirmações de Wilson e Washburn, em confronto com as outras fontes disponíveis. Vamos a elas.

Era domingo de manhã. As instruções para a Armada Brasileira provinham do *Regimento Provisional para o Serviço e Disciplina das Esquadras e Navios da Armada Real*⁴³ que tivera sua gênese em 1796, ainda em Portugal, tendo diversas reimpressões. Nele afirmava-se que a alvorada “em todo o tempo se tocará ao romper do dia, começando-se a distinguir os objectos”⁴⁴. Ora o alarme se deu às 08:30hs segundo a maioria das fontes, logo todos estavam acordados quando a força naval paraguaia apareceu. E a questão dos vigias? Se fosse em período de paz os navios maiores do que a fragata teriam três guardas ou quartos e as fragatas ou abaixo em duas guardas ou quartos⁴⁵, logo não se pode presumir que os navios estando em área de combate estivessem em rotinas mais brandas que em tempo de paz. Já havia ocorrido o cerimonial da bandeira com todos despertos às 08hs e se preparavam para o chamado “almoço”, conforme confirmado pela parte de combate do Chefe de Divisão Barroso escrita em 12 de junho de 1865 e assim uma fonte primária⁴⁶. Pode-se, então, afirmar que os brasileiros estavam todos prontos para iniciar a ação em 11 de junho. A questão do ardor pode ser bem facilmente analisada pelo historiador. Os navios brasileiros não foram surpreendidos, atiraram e avariaram dois navios inimigos no início do combate, o *Igurey* e o *Jejuy*, conforme afirmado pelo próprio Washburn, e partiram em perseguição a força inimiga. Mas como não tinham ardor para o combate? Não há lógica no que Wilson disse. Uma força que estivesse propensa a desistir do encontro não assumiria essa postura. Assim, o que disseram Wilson e Washburn nesse quesito deve ser descartado. Quanto à postura e às críticas a Barroso, analisarei a frente.

Vamos ver a questão da distância e a marcha para o teatro de operações a partir de Buenos Aires. A distância entre Buenos Aires e Corrientes é de 550 milhas náuticas. Pela documentação disponível a divisão brasileira suspendeu de Buenos Aires em 10 de abril de 1865 e chegou em Bela Vista, a última cidade sob controle brasileiro em 1 de maio, logo 21 dias, metade da distância alegada por Wilson. Os navios de guerra brasileiros possuíam calados consideráveis em relação às profundidades dos Rios Paraná e Paraguai e esses rios não possuíam cartas de navegação como hoje conhecemos, eram apenas croquis que serviam de referência. Muitos navios encalhavam em bancos de areia, e a corrente era contrária ao avanço da divisão em até dois nós, além disso, por uma questão de prudência, os navios só navegavam com sol, isto é uma média de dez horas diárias. As velocidades de avanço variavam diariamente, no entanto, se considerarmos uma média de avanço diário de 25 milhas por dia, nós não estaríamos muito distante do resultado final, principalmente considerando os encalhes que por certo podem ter ocorrido. Assim, 21 dias embora lento, não foi de todo ruim; assim, a afirmação de Wilson deve ser desprezada por um historiador consciencioso.

Pode-se depreender a partir da crítica interna e do confronto de fontes que, segundo minha visão, os brasileiros tinham realizado a cerimônia da bandeira e estavam iniciando o almoço quando avistaram os inimigos que pretendiam surpreendê-los. Não foram assim surpreendidos com certeza. Reagiram com fogos de artilharia, avariaram dois navios inimigos e suspenderam perseguindo-os rio abaixo.

QUARTA CONTROVÉRSIA: O DESEMPENHO DE BARROSO NO COMBATE

Essa é a mais discutida controvérsia de toda a batalha de Riachuelo. As suas interpretações são as mais contundentes e muitas vezes as mais apaixonadas de todo o conflito naval ocorrido na Guerra do Paraguai. Eu mesmo sofro influência, por que antes de ser historiador, sou oficial de marinha, e para mim Barroso é um ícone de he-



rói brasileiro. Entretanto devo procurar, por uma questão de coerência e integridade, a verossimilhança ou pelo menos a “verdade” do que realmente aconteceu naquele domingo em Riachuelo. Como disse anteriormente é difícil o pesquisador ser totalmente isento e procurarei ser pelo menos honesto e criterioso, utilizando os instrumentos metodológicos disponíveis ao profissional da história para poder apresentar ao leitor a minha visão do que ocorreu, sem ideologias ou pré-julgamentos. Vamos às versões.

George Thompson afirmou que os brasileiros celebraram a batalha como uma grande vitória e que Dom Pedro II conferiu uma medalha e o título de Barão do Amazonas a Barroso. Disse que em qualquer país ele “seria julgado por uma corte marcial”, não somente por não ter perseguido os paraguaios em sua retirada, senão pelo “boato de sua covardia a bordo” da Amazonas, onde “AO QUE SE DISSE” perdeu “completamente a cabeça” e ter passado o comando ao prático correntino Bernardino Gustavino, o comando da força naval.⁴⁷ Afirmativa dura e chocante de Thompson, que passaria a ser a “verdade” para a historiografia de língua inglesa sobre o conflito.

Por sua vez, Wilson afirmou que Barroso não merecia nenhum crédito na vitória por que “estava se escondendo em sua câmara durante a batalha” e não apareceu no passadigo até que ela estivesse terminada. Chegou Wilson a ser sarcástico ao dizer que “por sua brilhante vitória, Barroso foi declarado barão”.⁴⁸ Declarações fortes, talvez baseadas em Thompson que publicou seu livro em 1869 em Londres.

Washburn, por sua vez, também foi um crítico feroz da atuação de Barroso. Disse ele que o chefe brasileiro se surpreendeu pela passagem do esquadrão paraguaio logo no início da contenda e que se retirou para a sua câmara para “refletir sobre a mutabilidade dos assuntos humanos”⁴⁹ em um claro deboche sobre o desempenho do chefe de Divisão nacional. Mais ferino foi então Washburn ao mencionar que Barroso estava “muito apavorado para dar uma ordem. Ele sentou-se em sua câmara literalmente paralisado com medo e incapaz de falar. Quando procurado por um subordina-

do para que desse alguma instrução à força naval, ele ficou com olhar fixo e sem palavras”.⁵⁰ Washburn prosseguiu afirmando que um homem bravo assumiu a situação, um prático “italiano” que tomou a responsabilidade para si assumindo o comando da Amazonas e provocando os abalroamentos que já conhecemos na história. A ele, o “italiano” creditou a vitória brasileira, tendo sido promovido pelo Imperador Pedro II a tenente-coronel e recebido 500 onças de ouro⁵¹. Washburn, como fechando o seu discurso, mencionou que a covardia de Barroso lhe valeu o título de barão, e que toda a vez que um oficial de alta patente na esquadra brasileira “desgraçava” a sua bandeira, o seu país e a si próprio por “atos de covardia ou imbecilidade” que na maioria dos países seriam penalizados se não executados, ele Barroso foi promovido e coberto de regalias pelo Imperador.⁵² Afirmações duras, ferinas e chocantes.

Centurion, por sua vez, atuando na artilharia que se encontrava na barranca sob o comando de Bruguez, não faz esse tipo de afirmativa, dizendo apenas que Barroso estava indeciso e sem saber o que fazer, tendo recorrido a Bernardino para as ações decorrentes.⁵³ Mencionou o que disse Thompson em 1869, já que suas memórias são posteriores.

O destacado historiador paraguaio Efraim Cardozo, em um livro importante sobre o conflito, *Hace 100 Años. Crónicas de La Guerra de 1864-1870* em oito volumes, mencionou que Barroso estava “desconcertado” e aproveitou a experiência de Bernardino que sugeriu o uso da Amazonas como aríete contra os vasos inimigos, o que foi prontamente autorizado pelo chefe brasileiro, e assim o curso do combate se alterou.⁵⁴

Agora vejamos as visões de historiadores brasileiros e aliados sobre a conduta de Barroso. Garmendia apontou que Barroso se apoiou em Bernardino para saber se podia utilizar o seu capitânea como aríete em razão da baixa profundidade local, no que foi atendido pelo “bravo correntino”. Prosseguiu afirmando que Barroso mereceu o “justo galardão por tão decisiva vitória, o título de Barão de Amazonas, cabendo ao valente almirante e a nau capitânea a insígnia de cavaleiro da Ordem do Cruzeiro”.⁵⁵

Em minha concepção o livro de Augusto Tasso Fragoso *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, edição de 1934 em cinco volumes, tem sido uma obra de referência para quem estuda a guerra. Em seu volume dois ele disse que “a batalha naval do Riachuelo estava ganha graças à inspiração oportuna de Barroso e ao denodo dos brasileiros... a vitória de Barroso ecoou estridente na alma brasileira, como aplauso merecido à justiça da sua causa”.⁵⁶ Para ele, a manobra fora concepção do chefe naval brasileiro, e essa ação reverteu o curso da refrega. Nem um momento ele alegou que a manobra havia sido de Bernardino. Para ele, apesar da situação grave com as manobras iniciais dos navios brasileiros, Barroso reverteu o quadro para a Armada brasileira.

João do Prado Maia, por sua vez, em seu livro *A Marinha de Guerra do Brasil na Colônia e no Império* edição de 1965 pela Livraria José Olympio Editora creditou a vitória também a Barroso dizendo que chegara o momento crítico da batalha e que o chefe naval brasileiro “sobe pois o rio e chega o momento crítico, destroçando o inimigo aqui e ali e além, quando ainda a frota paraguaia se acha em bom estado e animada na conquista dos louros da vitória”⁵⁷. Para ele não há dúvidas de que Barroso é que salvou a situação crítica em que a força naval imperial se encontrava. O Visconde de Ouro Preto em seu livro clássico *A Marinha D`Ouro* afirma com toda a convicção que:

Também Barroso, de pé sobre a caixa das rodas, ondeando-lhe ao vento a comprida e alva barba, apresentava sua imponente e marcial figura como ponto de mira aos milhares de projéteis que lhe choviam em torno como granizo. Tendo ao lado o intrépido Brito e o habilíssimo Gustavino, só desceu do posto arriscado quando já não havia inimigos a debelar.⁵⁸

Em 1883 o Almirante Ignacio Joaquim da Fonseca publicou um longo e minucioso estudo sobre a batalha, no qual anexou as partes de combate de todos os comandantes de navios brasileiros que participa-

ram da contenda. Nesse estudo, Joaquim da Fonseca fez a sua própria interpretação do que ocorreu, sendo assim um livro fundamental para quem quer compreender a dinâmica do confronto. Nele o almirante indicou que Barroso permaneceu todo o desenrolar da batalha no passadiço da fragata *Amazonas* dirigindo as ações, tendo a seu lado o eficiente Bernardino Gustavino. Disse Joaquim da Fonseca o seguinte:

Em pé no passadiço sobre-sahia o nobre mestre, Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso, trajando segundo uniforme abotoado até ao meio do peito; pendendo à esquerda a larga espada do padrão antigo, à direita o binóculo e o revolver munido de seis competentes cargas. Por sobre o largo peito azul da farda alvejava a barba longa e basta, na qual se confundiam as guias do estreito bigode. O bonet do general asentava direito na cabeça menos encanecida do que a barba. O rosto assim emoldurado revelava que a mão do tempo e sobretudo os contínuos trabalhos e vigílias de uma longa vida militar haviam nelle esculpido venerandos traços, ainda na idade de 61 annos... conservava-se em toda a sua energia, e bem apta ainda para apreciar os instantes críticos, solemnes e confusos de uma grande batalha... esse protótipo do homem do mar, cuja tempera, nem os pamperos do Prata nem os gelos e tormentas do cabo austral, destacado para além do estreito magellanico, nem innumerados trabalhos e perigos em 44 annos de serviço poderam modificar, naquelle momento solemne, em pé no passadiço.⁵⁹

Fiz questão de descrever todas as palavras de Joaquim da Fonseca para retratar o grau de admiração de um escritor por um personagem. E aí como ficaria o historiador com essas duas versões distintas sobre o desempenho de Barroso na batalha? Teria sido ele uma decepção como chefe naval ou teria sido em verdade o grande herói lembrado e relembado pela Marinha brasileira?

Inicialmente o historiador criterioso deveria incursionar em duas linhas distintas, segundo minha percepção. De um lado deveria procurar saber quem foi Francisco Manuel Barroso, a partir de sua experiência pessoal e profissional, procurando responder as seguintes questões: era ele um inexperiente nas lides marinheiras? Quem foram suas principais influências? Teria ele entrado em combate anteriormente? Como foi seu desempenho?

Por certo as respostas a essas questões não indicarão a possibilidade de deslizamentos comportamentais em combate, pois cada situação é uma nova situação, no entanto sua experiência em combate anterior diminuirá certamente uma possível falha de liderança quando instado a se posicionar. É importante para o investigador “conhecer” o seu personagem.

Em segundo lugar, deverá analisar atentamente todas as fontes referenciadas acima. Quase todas elas, infelizmente, são fontes secundárias. Mesmo Thompson e Washburn, que embora sejam considerados fontes primárias para o ponto de vista paraguaio, não devem ser considerados dessa maneira para o ponto de vista brasileiro. Assim seus relatos devem ser analisados com cuidado por não atenderem completamente a crítica interna. Há que haver uma busca por fontes primárias que compoam testemunhas visuais do que efetivamente ocorreu. Poder-se-ia buscar fontes primárias paraguaias de testemunhas da batalha, no entanto por estarem localizadas em navios e unidades de terra paraguaias não teriam a credibilidade esperada, pois não estavam na *Amazonas* no momento da ação. Assim, embora não devam ser abandonadas, pois são documentos fundamentais para se compreender a dinâmica da ação devem ser vistas com cuidado, tendo sempre em vista a técnica historiográfica a ser seguida pelo pesquisador.

A única solução é a busca por fontes primárias nos navios brasileiros, em especial na *Amazonas*, para, utilizando a técnica de confronto de fontes, procurar-se compreender o que realmente aconteceu, se aproximando o mais possível da verossimilhança. Dessa maneira o pesquisador mu-

nido de informações sobre o personagem, das ações ocorridas e dos relatos das testemunhas, será capaz de descrever o que possivelmente ocorreu. Afinal, quem foi Francisco Manuel Barroso?

Barroso nasceu em Portugal em 1804, vindo para o Brasil com três anos de idade. Entrou para a Real Academia de Marinha em 1821, fazendo parte de uma geração de aspirantes, guardas-marinha e tenentes que tiveram o Primeiro Almirante da Armada Thomas Cochrane, Lorde Dundonald, como referência. É interessante mencionar que Cochrane fez parte de um grupo de oficiais britânicos que lutou contra Napoleão, no qual também se incluía Lorde Horatio Nelson. Cochrane havia treinado aquela geração de oficiais com o culto à ofensiva e a decisão da ação pelo combate, sempre que as condições permitissem. Barroso não serviu diretamente com ele, mas fez parte daquela geração que incluiu Tamandaré e Inhaúma e por Cochrane influenciada. Pode-se agora entender claramente por que Barroso içou o sinal *O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever* antes do combate em Riachuelo, uma clara alusão a Lorde Nelson e a Cochrane. Uma admiração explícita a Nelson mesclada com uma influência direta a Cochrane.

Barroso participou como oficial subalterno na Guerra da Cisplatina, inclusive nas batalhas de Corales a bordo do brigue escuna *Dona Januária* e nos combates de Los Pozos e Juncal. Seu primeiro comando no mar se deu quando tinha 23 anos, a escuna *União*, seguindo-se de comandos de escunas, brigues, corvetas e fragatas em sua longa vida profissional, transformando-o em um verdadeiro e experiente marinheiro. Lutou na Cabanagem no Pará ao lado das forças imperiais como comandante do brigue *Brasileiro*, onde recebeu uma referência elogiosa por destaque em combate. Em seguida seguiu para o Rio Grande do Sul para participar da Guerra dos Farrapos. Quando no comando da Corveta *Baiana* fez uma viagem para o Oceano Pacífico, tendo feito a travessia do temido Cabo Horn. Foi promovido a Chefe de Divisão em 1856, comandando a Divisão Naval do Rio da Prata, depois foi nomeado chefe do Estado-Maior de seu amigo Tamandaré

e comandante da 2ª Divisão das forças navais que operaram na Guerra do Paraguai. Essa foi sua trajetória até Riachuelo.

Pode-se perceber que sua carreira foi bem sucedida e que participou de muitos combates no mar em três guerras distintas. Foi um bom comandante de unidades no mar e nada leva a crer que tenha sido um neófito nas lides marinheiras, muito pelo contrário. Soa estranho para o historiador curioso que tal personagem tenha “congelado” em combate depois de participar de tantos outros encontros armados no mar. Pela documentação primária obtida no Arquivo da Marinha que apresentou o seu currículo, custa acreditar que estejamos à frente de um “covarde” como apontado por Wilson, Thompson e Washburn. Ele pode ter errado em algumas situações em Riachuelo, porém, em princípio, tomá-lo como medroso, é no mínimo temerário para um pesquisador consciente. Passemos agora à segunda etapa da investigação e à mais importante, a análise da documentação primária.

Inicialmente pode-se pesquisar as fontes primárias paraguaias de personagens que tenham participado da refrega para se confirmar se Barroso realmente se encontrava no passadiço de seu navio, atuando como comandante em chefe, no entanto alguns problemas podem ser logo percebidos. Primeiro de que não existiam combatentes inimigos a bordo da *Amazonas*, e assim a dificuldade de se localizar fontes confiáveis testemunhais de sua presença no passadiço. Em segundo lugar, as fontes testemunhais paraguaias tendem normalmente a descrever o que presenciaram sob o seu ponto de vista, isto é, do lado paraguaio. No momento do combate é difícil relatar o que ocorria no lado inimigo, a não ser que fosse observado do seu lado, o que não foi o caso nessa batalha. O pesquisador pode, no entanto, aproveitar essas fontes para confrontar com as fontes brasileiras e retirar informações que poderão ser úteis sobre a conduta do Chefe Barroso em combate, como, por exemplo, a ordem de guinada inicial que provocou uma grande confusão na coluna brasileira. Esses tipos de informação, a partir de fontes paraguaias, podem ser úteis, pois são perceptíveis para ambos

os lados. Dessa maneira, por uma questão de prudência, não se deve confirmar a ausência de Barroso do passadiço com fontes paraguaias somente, mas sim com fontes fidedignas obtidas do lado brasileiro, em especial de testemunhas que se encontravam a bordo da *Amazonas* ou de testemunhas que se encontravam próximas do navio capitânea no momento da ação. Deve-se assim recorrer a testemunhas visuais, na medida do possível, pois são as mais habilitadas a serem consideradas verossímeis.

A primeira fonte primária a ser investigada seria exatamente o próprio Barroso, e para isso utiliza-se a sua parte de combate escrita em 12 de junho de 1865. Disse ele o seguinte:

Não fizemos tudo quanto desejáramos, mas fizemos tudo quanto podíamos... tive de atender a mil circunstancias, e de vencer as dificuldades do nosso confuso regimento de signaes... a pouca largura do canal naquelle ponto não me permittia fazer as evoluções com a presteza desejável, porem, tendo eu a bordo o pratico Bernardino Gustavino, que há 10 annos está ao serviço nosso e que se póde chamar o chefe dos prácticos, subi com resolução firme de acabar de uma vez com a Esquadra paraguayã... assim puz a proa sob o primeiro que mais próximo me ficava e com tal ímpeto, que o inutilizei completamente⁶⁰,

Segue-se a descrição dos abalroamentos dos três outros navios inimigos. Continuou afirmando que “quase todos” se portaram bem e o ajudaram, e que no passadiço JUNTO COM ELE encontrava-se o comandante da fragata *Amazonas* o Capitão de Fragata Theotônio Raymundo de Brito que acabou elogiado por Barroso em sua parte de combate.

Pode-se perceber que Barroso reconheceu que sua ordem inicial para formatura provocou grande confusão, sendo pouco compreendida por seus subordinados. Esse foi um erro de comando que não pode ser transferido a qualquer outro motivo, pois o comandante sempre é o responsável por tudo de bom e ruim que ocorre com sua força. Em seguida assume a ordem de abal-

roamento como sua e que utilizou para isso os conhecimentos da área de Bernardino Gustavino, o que em princípio deve ser considerada como verossímil a ser confrontada com outras fontes. Prossegue afirmando que “quase todos” se portaram bem. Quem falhou? Ele não aponta, mas deixou a dúvida no ar. Como que para confirmar a sua presença no passadiço afirmou que junto dele estava o Comandante Theotonio. Deve-se então confrontar tal informação com a parte de combate de Theotonio após a refrega. No próprio dia 11 à noite Theotonio escreveu o seguinte: “Obedecendo às ordens de V. Exa subi rio acima e fomos abalroando os vapores inimigos, conseguindo inutilisar tres e metter a pique uma das chatas...V. Exa foi testemunha ocular do comportamento dos officiaes e mais praças sob meu commando, e de tudo o quanto se passou a bordo, durante o combate.”⁶¹ No confronto Theotonio confirmou a versão de Barroso de que a manobra foi por ele imaginada e que foi “testemunha ocular de tudo o quanto passou durante o combate”. Assim, Barroso NÃO ESTAVA NA CÂMARA, conforme apontado, tanto por Wilson, quanto por Washburn e Thompson, segundo a técnica historiográfica de uso de documentação primária e confronto de fontes.

Apesar disso, o historiador deve continuar pesquisando para ter a CERTEZA de que Barroso foi o autor da manobra de abalroamento e de que estava no passadiço durante toda a ação. Vejamos a parte de combate do comandante interino da canhoneira *Belmonte*, o Primeiro-Tenente Joaquim Francisco de Abreu. Disse ele o seguinte: “Pessoa alguma melhor do que V. Exa, que ESTEVE CONSTANTEMENTE no passadiço do navio chefe, póde ser juiz do meu comportamento durante o combate que hoje se deu entre a esquadra paraguaya e a brasileira.”⁶² Joaquim Francisco observou Barroso no passadiço durante o combate, confirmando a afirmação de Theotonio. O comandante da *Iguatemi* por sua vez o Primeiro-Tenente Justino José de Macedo Coimbra, em sua parte de combate, se ateve ao confronto de seu navio com outros paraguaios, e assim nada mencionou que clareasse a posição de Barroso e a tática de abalroamento. Foi ferido

durante a ação. Os comandantes da *Jequitinhonha*, da *Parnaíba*, da *Araguari* e *Meirim* em suas partes de combate tampouco acrescentaram informações sobre a posição de Barroso na ação, descrevendo basicamente o que ocorreu com seus navios. O Comandante do vapor *Beberibe*, o Capitão-Tenente Bonifácio Joaquim de Sant’Anna, por sua vez cita Barroso duas vezes, a primeira mencionou “logo que V.Exa ordenou que atacássemos o inimigo” e em seguida “approximando-se então V.Exa no vapor *Amazonas* e ordenando-me que o seguisse para baixo”.⁶³ Ao que tudo indica Barroso estava dirigindo ordens a seus comandantes a partir do passadiço e não me parece que Bernardino, um simples prático, teria a capacidade de comandar a força em razão do afastamento de Barroso, além disso Theotonio permitiria essa ação? Wilson, com sua afirmação de que Bernardino foi o grande vencedor de Riachuelo, não só se enganou como atingiu a sua própria reputação como autor a ser considerado. Seu relato não é verossímil. Mas vamos em frente.

O comandante do vapor *Ypiranga*, o Primeiro-Tenente Alvaro Augusto de Carvalho, em sua parte de combate mencionou “V.Exa melhor que ninguém sabe de todos os episódios deste encarniçado combate”⁶⁴, confirmando que Barroso esteve durante toda a ação controlando os movimentos de seus navios. Difícil acreditar que todos os oficiais mencionados em suas partes de combate estivessem mentindo.

É interessante mencionar que em 1877 houve nova discussão na imprensa brasileira sobre quem teria sido o autor da manobra de abalroamento. O imediato da fragata *Amazonas* no combate o então Capitão-Tenente Delfim de Carvalho, em artigo publicado no *Jornal do Commercio* de 15 de agosto daquele ano de 1877 afirmou que o golpe da proa da fragata fora inesperado, “sem premeditação”, para se evitar o tiro de uma chata e que fora ele Delfim quem da proa da *Amazonas* pedira a Barroso essa ação, que só depois de perceber que ela tivera sucesso, Barroso a repetiu novamente. Imediatamente Barroso o interpelou por carta e pela imprensa, utilizando depoimentos de diversos oficiais que participaram do combate⁶⁵.

Houve nesse ano de 1877 no mês de outubro, isto é dois meses depois da polêmica de Delfim de Carvalho, um inquérito solicitado pelo próprio Barroso, conduzido no porto de Montevideo e a bordo da *Amazonas* a respeito de um boato surgido no Prata de que o inspirador da manobra de abalroamento teria sido Bernardino Gustavino, que se encontrava no passadiço ao lado de Barroso. Conduziram esse inquérito os Capitães de Fragata Dionísio Manhães Barreto, Manuel Carneiro da Rocha e Custódio José de Melo. O depoimento de Bernardino Gustavino foi esclarecedor e como tal deve ser levado em consideração pelo historiador profissional. Disse Bernardino o seguinte:

Que havendo suspenso os navios paraguaios e estando travado o combate entre as duas esquadras, o vapor *Amazonas* quando seguia águas acima, encontrara fundeado o vapor paraguaio *Jejuí* e fora sobre ele POR INICIATIVA E ORDEM do então Chefe de Divisão Francisco Manuel Barroso e isto depois de consultar a ele depoente se havia água bastante para a *Amazonas* e obter resposta afirmativa. E que o bom êxito dessa manobra levara o mesmo chefe a repeti-la contra outros navios inimigos, que tiveram a mesma sorte do *Jejuí*. Por fim respondeu que da proa da *Amazonas* nenhuma voz ouviu-se a respeito.⁶⁶

Estava desfeita qualquer dúvida a respeito da manobra. Delfim de Carvalho fora contestado por Bernardino. Barroso foi o idealizador da manobra de abalroamento.

Dessa maneira, como pesquisador da batalha, interpreto, a partir das fontes primárias disponíveis, após a utilização da crítica interna, que Barroso foi o responsável pela confusão inicial dos navios na aproximação com os navios inimigos por ser o comandante da força naval brasileira e isso faz parte do ser comandante, total responsabilidade das ações de seus subordinados. Em complemento, concluo que os testemunhos de Wilson, Washburn e Thompson quanto ao desempenho de Barroso não são verossímeis e devem ser desconsiderados. Barroso permaneceu todo o tempo no passadiço da

Amazonas conduzindo as ações, e a manobra de abalroamento foi por ele idealizada e supervisionada, com o auxílio das informações de Bernardino Gustavino que, por ser exímio conhecedor do Rio Paraná, tinha total conhecimento das profundidades locais e foi um prestimoso auxiliar do chefe naval. O sucesso da ação deve ser creditada a Barroso, pois ele era o comandante, por mais que Bernardino o tenha auxiliado e assim o responsável por tudo. Acredito que Delfim de Carvalho tenha estado na proa auxiliando a movimentação para o abalroamento. Não acredito que ele tenha dirigido a ação daquele local, pois no calor do combate ele não teria sido ouvido por Barroso e Bernardino do passadiço. Entretanto acredito que tenha estado na proa no momento das colisões. Essa ação de Barroso salvou a batalha de uma provável derrota. Outro ponto a ser debatido é a questão da perseguição da força inimiga rio acima.

Esse é um ponto polêmico, a exploração da vitória de Riachuelo. Os críticos apontam timidez por parte de Barroso por não perseguir os navios paraguaios rio acima, em direção de Corrientes. Como historiador indico que tal decisão foi tomada por Barroso em razão do que ele mesmo apontou “a minha intenção era destruir por esta forma toda a esquadra paraguaya, do que andar para baixo e para cima, por que mais cedo ou mais tarde havíamos de encalhar por ser naquella localidade o canal muito estreito”.⁶⁷ Poderia ele ter pressionado para que a *Araguari* e o *Beberibe* continuassem a perseguição, no entanto recuou. Isso foi uma decisão questionável, no entanto tomada no calor da ação. Ele queria recuperar os navios avariados e recolher os feridos brasileiros, além do temor declarado de ter outro navio encalhado. Deve-se compreender a sua decisão. Não devemos esquecer que na história naval existem exemplos de desistência de perseguição como na primeira batalha do Mar das Filipinas quando o Almirante norte-americano Raymond Spruance não perseguiu as forças navais japonesas que se retiravam apressadamente. Spruance foi um combatente valente, mas não usou o princípio da exploração durante a batalha. Assim, essa discussão da perseguição da força paraguaia deve ser relativizada. Existiam contingências que

afetaram a decisão de Barroso, tais como baixa profundidade, recuperação de seus navios e tripulações, ocupação das margens pelos paraguaios e aproximação da noite em área dominada pelo inimigo. O homem é pressionado por suas contingências, e com Barroso não foi diferente.

QUINTA CONTROVÉRSIA: FOI RIACHUELO UMA BATALHA DECISIVA ?

Inicialmente verifiquemos a quantidade de baixas verificadas em cada lado da contenda. Tem-se pela documentação primária disponível nas partes de combate os seguintes números: dois vapores brasileiros perdidos, com as seguintes baixas por navio; *Amazonas* (mortos – 12; feridos – 21, total: 33 – 7% de baixas); *Belmonte* (mortos – 9; feridos – 22; total: 31 – 15% de baixas); *Iguaçu* (mortos – 1; feridos – 5; total: 6 – 3% de baixas); *Jequitinhonha* (mortos – 18; feridos – 32; total – 50 – 18% de baixas); *Parnaíba* (mortos – 52; feridos – 28; total – 80 – 34% de baixas); *Beberibe* (mortos – 4; feridos – 18; total: 22 – 6% de baixas); *Araguari* (mortos – 2; feridos – 4; total: 6 – 3% de baixas); *Ypiranga* (morto – 1; feridos – 5; total: 6 – 3% de baixas) e *Mearim* (mortos – 3; feridos – 7; total: 10 – 5% de baixas).⁶⁸ No total foram 102 mortos e 142 feridos, com um percentual de baixas de 17%. O navio que mais sofreu baixas foi a *Parnaíba* com 34%, seguido da *Jequitinhonha* com 18%. Garmendia apresenta um número um pouco diferente com 116 mortos e 151 feridos⁶⁹. Em razão da informação de baixas ser primária e de Garmendia não apontar a fonte, prefere-se a primeira opção.

Os números paraguaios são conflitantes. Foram quatro navios destruídos, com cerca de 750 baixas na força naval e 30 nas baterias de Bruguez. Segundo Garmendia, sem especificar o número de mortos e feridos⁷⁰. Thompson, por sua vez, mencionou 200 baixas, sem especificar o número de mortos e feridos.⁷¹ Wilson apresenta números maiores, 1.000 baixas para os paraguaios e 300 para os brasileiros.⁷² Ouro Preto apresentou um número muito exagerado de baixas paraguaias, cerca de 1.500 mortos na força naval e 1.750 nas baterias em terra, uma informação que deve ser descartada, pois inverossí-

mil⁷³. Uma decisão difícil para o historiador tomar. Todas essas informações estão providas de fontes primárias e secundárias que perdem significado na medida em que não podem ser confiáveis por não estarem no calor da ação. Usando o bom senso, as ações de combate e o número aproximado total de combatentes na força paraguaia, em torno de 1.200 marinheiros e 800 soldados, pode-se estimar o número de baixas como maior que o de brasileiros, algo em torno de 600, com cerca de 200 a 300 mortos e o restante de feridos, o que se aproxima ligeiramente dos números de Garmendia. Trata-se de uma especulação e não uma afirmação.

Foi efetivamente a batalha de Riachuelo decisiva? Considerando o que dissera Alfred Mahan sobre a primazia da batalha para a obtenção do controle do mar, repetia ele o que Horatio Nelson mencionara certa vez ao comentar que "o que o país [a GB] necessita é a aniquilação do inimigo. Somente números podem aniquilar".⁷⁴ Para Mahan as guerras seriam decididas com as batalhas, daí se considerar que será ela decisiva se negar ao inimigo o controle e ele se vir como fugitivo. Se levarmos em consideração os números, os paraguaios tiveram duas vezes mais baixas que os brasileiros. Isso não determinou que a batalha foi decisiva. O que a determinou foi o que a esquadra paraguaia pôde realizar após o encontro em Riachuelo. Praticamente nada. Ela perdeu quase 50% de sua capacidade combativa nesse encontro. A partir daí ela pouco realizou como força naval constituída. Além disso, a força naval brasileira passou a bloquear tanto o Rio Paraná como o Paraguai, evitando que Lopez recebesse apoio logístico até o final da guerra. Assim passou a exercer o controle fluvial em sua plena aceitação. Em complemento apoiou operações de vulto como a de Passo da Pátria, Humaitá e Piquissiri, sem ser molestada. Sua atenção passou a ser as margens ainda dominadas pelas forças paraguaias. Como se sabe, é senhor do rio quem domina as margens, e só com a ação das forças terrestres isso poderia ser realizado, e a esquadra permaneceu aonde deveria, protegida e incapaz de forçar uma ação decisiva, pois forças navais não podem tomar uma posição de terra. Essa ação compete a uma força terrestre.

Dessa maneira, em razão de seu predomínio, pode-se considerar Riachuelo como uma batalha decisiva, pois a força naval brasileira não teve mais nenhum adversário à altura nos rios da região. A partir dela, Lopez passou à defensiva. Com o tempo, a força naval brasileira foi sendo cada vez mais reforçada com novos meios, tornando-a uma força considerável e inconteste.

CONCLUSÃO

O ofício do historiador é desafiador, cansativo, mas por certo gratificante. A sua capacidade de trabalhar com as fontes, em especial as primárias, e a utilizar técnicas apreendidas durante a sua formação, o capacitarão a explicar e interpretar os fatos de forma adequada, aproximando-o, cada vez mais, do que se entende como “verdade”, tornando sua interpretação verossimilhante. O leitor pode até não concordar com sua interpretação dos fatos históricos, no entanto deve perceber sua honestidade e integridade intelectual e profissional. A ideologia não poderá cegar o historiador com fatos que lhe estão clamando como verossímeis, por isso como profissional desconfio dos chamados “historiadores engajados”. Suas interpretações, em muitos casos, indicam interpretações deslocadas da realidade, atingindo suas próprias integridades intelectuais. Foi isso que tentei evitar, aceitando minha condição de oficial da Marinha, logo influenciável, no entanto mantendo sempre integridade e honestidade que devem nortear o ofício do historiador. A batalha do Riachuelo traz até aos dias de hoje muitas controvérsias.

Na primeira controvérsia, segundo minha interpretação, a força naval brasileira não estava em uma posição bloqueadora, mas sim bloqueada, tanto em relação a Corrientes ao norte quanto às barrancas do Riachuelo ao sul, tanto que após o combate ela se retirou para o sul.

Na segunda controvérsia, as forças navais brasileiras eram superiores em termos materiais e pessoais, e as afirmações de Thompson, Wilson e Washburn sobre o desempenho dos brasileiros não merecem crédito, pois foram feitas à distância, sem participarem diretamente das ações. Além disso, dois

deles pelo menos tinham fortes simpatias pelos paraguaios e assim perceberam como “verdades” informações providas de fontes ligadas a Lopez. Pela correta técnica historiográfica, suas visões devem ser descartadas.

Na terceira controvérsia, no início da batalha Barroso, perdeu o controle dos movimentos de sua força, só recuperando a iniciativa das ações na fase final da contenda, a chamada fase dos abalroamentos. Deve-se mencionar que essa recuperação foi fundamental para a mudança do curso da ação.

A quarta controvérsia, o desempenho de Barroso, por si só é a mais delicada e sensível questão. Segunda minha interpretação, Barroso se colocou durante todo o combate no passadiço, sendo o principal responsável pela manobra de abalroamento contra os navios paraguaios, auxiliado pelo eficiente e valoroso prático correntino Bernardino Gustavo que continuamente o assessorou nas profundidades locais e as possibilidades de ação. Não descarto o auxílio prestado pelo imediato da *Amazonas*, o Tenente Delfim de Carvalho que se encontrava na proa da fragata e orientou o movimento de seu navio nos choques aos navios inimigos. Não posso concordar com sua justificativa de que foi o autor da manobra de abalroamento. Barroso participou de diversos combates anteriores a Riachuelo, e as alegações de Thompson, Washburn e Wilson de que fora covarde são absolutamente falsas, segundo a documentação primária disponível. Os motivos que levaram os três autores a alegarem essa covardia podem ser diversas, segundo posso perceber, porém fogem ao escopo dessa pesquisa.

Por fim, Riachuelo pode ser considerada uma batalha decisiva, pois teve influência direta no desenrolar da Guerra do Paraguai e provocou a derrocada da valente, porém frágil Armada paraguaia.

Segundo minha interpretação, Riachuelo, por ser a principal batalha em que se envolveu a Marinha brasileira, ainda trará novas perguntas e interpretações. Pode-se prever novos fatos e novas controvérsias. A história será sempre reescrita, e isso que a faz ser fascinante e desafiadora. Riachuelo realmente é e continuará sendo uma batalha de controvérsias.



- ¹ Segundo o autor inglês Jeremy Paxman em seu livro *The English* o mercado editorial britânico publica por ano 100.000 novos títulos por ano, um mercado maior que o próprio mercado norte-americano. Referência: PAXMAN, Jeremy. *The English*. London: Penguin, 2007, p. 110.
- ² A "verdade" é um objetivo a ser alcançado pelo historiador, daí eu preferir a palavra "verossimilhança" que é uma busca pela verdade histórica, passível de ser reinterpretada por outro profissional que como eu procura a verdade. Essa é a "minha verdade" e não a "verdade".
- ³ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Introducción aL trabajo de la investigacion histórica, conocimiento, método e historia*. Barcelona: Crítica Editorial, 1981, p. 175.
- ⁴ MENDES, José Amado. *A História como Ciência. Fontes, metodologia e teorização*. 3. ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1993, p. 115.
- ⁵ *Ibidem*, p. 254.
- ⁶ SHAFER, Roger Jones. *A guide to historical method*. Homewood: Dorsey Press, 1969, p. 104.
- ⁷ MENDES, op. cit, p. 131.
- ⁸ *Ibidem*, p. 133.
- ⁹ *Ibidem*, p. 134.
- ¹⁰ *Ibidem*, 135 e SHAFER, op. cit, p. 138.
- ¹¹ Citado por GLÉNISSON, Jean. *Iniciação aos Estudos Históricos*. 6ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p.191.
- ¹² CENTURION, Juan Crisóstomo. *Memorias ó Reminiscencias Historicas sobre la Guerra del Paraguay*. T 1. Asuncion: El Lector, 1987, p. 272.
- ¹³ GARMENDIA, José Ignacio. *Campaña de Corrientes y de Río Grande*. Buenos Aires: Imprenta, Litografía y Encuadernación de J. Peuser, 1904, p. 181.
- ¹⁴ *Ibidem*, p. 182.
- ¹⁵ FONSECA, Ignacio Joaquim da. *Estudo da Batalha do Riachuelo*. Rio de Janeiro: Lombaert & Co, 1883, p. 13.
- ¹⁶ BOTTO, Carlos Penna. *Campanhas Navais Sul-Americanas*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1940, p. 86.
- ¹⁷ CENTURION, op. cit, p. 270.
- ¹⁸ GARMENDIA, op. cit, p. 171.
- ¹⁹ CENTURION, op. cit, p. 44.
- ²⁰ BOTTO, op. cit, p. 85.
- ²¹ *Ibidem*, p. 85.
- ²² CENTURION, op. cit, p. 271.
- ²³ GARMENDIA, op. cit, p. 179.
- ²⁴ *Idem*.
- ²⁵ THOMPSON, George. *Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968, p.72.
- ²⁶ *Idem*.
- ²⁷ WASHBURN, Charles Ames. *The History of Paraguay*. Boston: Lee and Sheppard, 1871, p. 64.
- ²⁸ *Ibidem*, p. 65..
- ²⁹ THOMPSON, op. cit, p.72.
- ³⁰ WILSON, H.W. *Ironclads in Action: a sketch of Naval Warfare from 1855 to 1895*. Boston: Little, Brown & Co, 1896.
- ³¹ *Ibidem*, p. 257.
- ³² *Ibidem*, p. 258.
- ³³ HAYES, N.C. *Naval Operations during the War of the Triple Alliance, 1865-1870*. The Naval Review, V 102, n. 1, Farnham: UK, FEB 2014, p. 59-65.
- ³⁴ WILSON, op. cit, p. 257.
- ³⁵ *Idem*.
- ³⁶ *Ibidem*, p. 258.
- ³⁷ BOITEUX, Lucas Alexandre. *A Marinha Imperial*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1954, p. 322. Thompson cita "cerca de 200 canhões" em THOMPSON, op. cit, p. 219.
- ³⁸ THOMPSON, op. cit, p. 139.
- ³⁹ *Ibidem*, p. 141.
- ⁴⁰ *Ibidem*, p. 221.
- ⁴¹ WILSON, op. cit, p. 259.
- ⁴² WASHBURN, op. cit, p. 67, 68.
- ⁴³ Regimento Provisional para o Serviço e Disciplina das Esquadras e Navios da Armada Real que por ordem de Sua Magestade deve servir de Regulamento aos Commandantes das Esquadras e Navios da mesma Senhora. Reimpressão por Aviso de 9 de julho de 1868. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1868.
- ⁴⁴ *Ibidem*, p. 44.
- ⁴⁵ *Ibidem*, p. 47.
- ⁴⁶ Parte de Combate escrita em 12 de junho de 1865 a bordo da Fragata Amazonas pelo Chefe de Divisão Francisco Manuel Barroso publicada em Estudo da Batalha do Riachuelo de Ignacio Joaquim da Fonseca em 1883 pela Typographia e Livraria Lombaerts & Co do Rio de Janeiro.
- ⁴⁷ THOMPSON, op. cit, p. 77.
- ⁴⁸ WILSON, op. cit, p. 260 e 261.
- ⁴⁹ WASHBURN, op. cit. p. 70.
- ⁵⁰ *Ibidem*, p. 72.
- ⁵¹ *Ibidem*, p. 73.
- ⁵² *Idem*.
- ⁵³ CENTURION, op. cit, p. 272.
- ⁵⁴ CARDOZO, Efraim. *Hace 100 Anõs. Cronicas de La Guerra de 1864-1870*. T II. Asuncion: Paraguay, 1968, p. 70.
- ⁵⁵ GARMENDIA, op. cit, p. 203.

- ⁵⁶ FRAGOSO, Augusto Tasso. *Historia da Guerra entre a Tríplíce Aliança e o Paraguai*. TII. Rio de Janeiro: Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1934, p. 76.
- ⁵⁷ MAIA, João do Prado. *A Marinha de Guerra do Brasil na Colônia e no Império*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p. 285.
- ⁵⁸ OURO PRETO, Visconde de. *A Marinha D´Outora (subsídios para a história)*. Rio de Janeiro: SDGM, 1981, p. 100.
- ⁵⁹ FONSECA, op. cit, p. 34 e 35.
- ⁶⁰ DA SILVA, Theotônio Meirelles. *Historia Naval Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884, p. 225 e 226.
- ⁶¹ FONSECA, op. cit, p. 127.
- ⁶² Ibidem, p. 130.
- ⁶³ Ibidem, p. 148.
- ⁶⁴ Ibidem, p. 159.
- ⁶⁵ FRAGOSO, op. cit, p. 78.
- ⁶⁶ Idem.
- ⁶⁷ FONSECA, op. cit, p. 79.
- ⁶⁸ Dados retirados das partes de combate em FONSECA.
- ⁶⁹ GARMENDIA, op. cit, p. 201.
- ⁷⁰ Ibidem, p. 201 e 202.
- ⁷¹ THOMPSON, op. cit, p. 77.
- ⁷² WILSON, op. cit, p. 261.
- ⁷³ OURO PRETO, op. cit, p. 105.
- ⁷⁴ Citado em ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. *Gigantes da Estratégia Naval. Alfred Thayer Mahan e Herbert William Richmond*. Curitiba: Prismas, 2014, p. 134.